

— Coordenação —

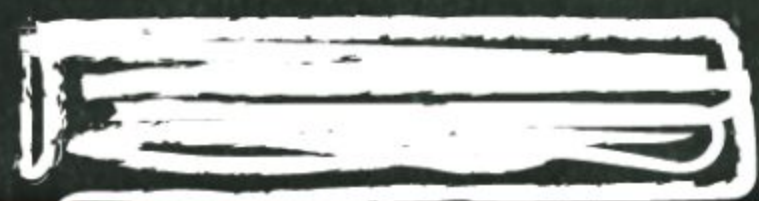
Luísa Antunes Paolinelli e Mário Fortes Santos

Diálogos

Cruzados

Que educação para o século XXI?

 EDIÇÕES ESGOTADAS



Intervenientes

Adelino Calado

Annabela Rita

Ariana Cosme

Carlos Fiolhais

Carlos Neto

Celso Ameixa

Dionísio Vila Maior

José Eduardo Franco

José Pacheco

José Pedro Trindade

Luísa Antunes Paolinelli

Mário Fortes

Raquel Varela

Roberto della Santa

Rui Mendes

Santana Castilho

Sara Bahia

Teresa Adão

1.ª edição | outubro, 2024

 EDIÇÕES ESGOTADAS

Porto | Lisboa | Viseu | Aveiro

www.edicoesesgotadas.com
geral@edicoesesgotadas.com

© 2024

Direitos reservados para Edições Esgotadas, Lda.

Título Diálogos Cruzados - Que educação para o século XXI?

Coordenação © Luísa Antunes Paolinelli e Mário Fortes Santos

Organização e revisão Cátia Vieira Pestana

Fixação de texto Sandra Correia, José Júlio Curado, Luísa Antunes
Paolinelli, Mário Fortes Santos, Cátia Vieira Pestana,
Pedro Panhoca da Silva

Coleção Saber | n.º 48

Revisão de Texto Ana Maria Oliveira | Edições Esgotadas, Lda.

ISBN 978-989-9155-81-7

Depósito Legal 538339/24

Impressão e Acabamento Tipografia Beira Alta, Lda.

Execução Gráfica Edições Esgotadas, Lda.

A edição dos textos obedece ao Novo Acordo Ortográfico por decisão dos coordenadores e não dos autores.

Coordenação

**Luísa Antunes Paolinelli e
Mário Fortes Santos**

Diálogos Cruzados

Que educação para o século XXI?

NOTA DOS COORDENADORES	9
À guisa de Apresentação, peço licença para participar desse diálogo - Maria Lucia M. Carvalho Vasconcelos	11
Referências.....	23
PAINEL 1 - “A NATUREZA DO BRINCAR, EMOÇÕES À SOLTA”	25
A importância do brincar - Carlos Neto.....	27
O sistema de ensino vigente.....	31
O Brincar como ferramenta de construção da personalidade - Mário Fortes Santos.....	32
Mudar o paradigma - Rui Mendes.....	34
Formar para o Brincar - Carlos Neto.....	37
Carlos Neto.....	43
A importância do brincar na aquisição de conhecimentos - Rui Mendes.....	44
A concepção do espaço no ensino pré-escolar - Mário Fortes.....	45
Uma mensagem final - Carlos Neto.....	47
Mário Fortes Santos.....	49
Rui Mendes.....	50
Carlos Neto.....	50
PAINEL 2 - SONHAR ACORDADO: CRIATIVIDADE NA ESCOLA	51
Sonhar e criar - Sara Bahia.....	53
Flexibilidade Curricular - Ariana Cosme.....	55
A educação visual na promoção da flexibilidade, da autonomia e do trabalho criativo - José Pedro Trindade	59
A criatividade na promoção da confiança e da eficiência - Celso Ameixa.....	62
A avaliação enquanto promoção do conhecimento - Sara Bahia.....	64
O processo de criatividade - Ariana Cosme.....	65
A instrumentalização das artes - José Pedro Trindade.....	69
A avaliação na disciplina artística - Celso Ameixa.....	70
José Pedro Trindade.....	71
A importância do professor na construção do conhecimento - Ariana Cosme.....	72

A escola enquanto elevador social e o impacto da Pandemia - Ariana Cosme.....	74
Sara Bahia.....	76
A expressão plástica à distância - José Pedro Trindade.....	77
Sonhar com os pés assentes na Terra - Celso Ameixa.....	78
PAINEL 3 - “O ENSINO À DISTÂNCIA”.....	79
A saúde mental dos professores durante a Pandemia e o designio da Educação - Raquel Varela.....	81
O ensino à distância - Roberto della Santa.....	87
Porque é que as crianças não gostam da escola? - Raquel Varela.....	93
O impacto da Pandemia: a que sociedade serve esta escola? - Roberto della Santa.....	96
PAINEL 4 - “CONTRA A INDIFERENÇA”.....	101
A Educação Global de rosto Humano - José Eduardo Franco.....	103
O que é que a educação permite – ou pode permitir – hoje? - Carlos Fiolhais.....	107
A educação como instrumento contra a indiferença - Luísa Paolinelli.....	112
O “homem novo”, o homo fraternus - José Eduardo Franco.....	117
O futuro das sociedades modernas - Carlos Fiolhais.....	119
A escola ideal - Carlos Fiolhais.....	122
A escola contra a indiferença - Luísa Paolinelli.....	123
José Eduardo Franco.....	126
Que futuro? - Carlos Fiolhais.....	127
José Eduardo Franco.....	127
Luísa Paolinelli.....	128
PAINEL 5 - “A CIÊNCIA NA ESCOLA”.....	131
A Ciência em Portugal - Professora Annabela Rita.....	133
Do saber à ciência - Dionísio Vila Maior.....	137
A essência Humanista do ensino - Dionísio Vila Maior.....	140
A importância das artes na escola - Teresa Adão.....	143

O processamento da informação e a representação do conhecimento - Teresa Adão.....	146
Annabela Rita	147
Dionísio Vila Maior.....	149
Uma mensagem para a escola neste Horizonte XXI - Annabela Rita.....	150
Dionísio Vila Maior.....	150
Teresa Adão.....	151
PAINEL 6 - “EMERGÊNCIA NA EDUCAÇÃO”.....	153
A linhas orientadoras para o próximo ano letivo - Adelino Calado.....	155
O ensino em Portugal à luz do nosso século - José Pacheco.....	156
O papel do Professor - Adelino Calado.....	158
Pandemia: uma conjuntura para mudar a escola - Adelino Calado.....	159
José Pacheco.....	161
Adelino Calado.....	163
José Pacheco.....	164
Adelino Calado.....	164
AUTORES.....	165

A essência Humanista do ensino

Dionísio Vila Maior

Em outubro de 1924, no texto de apresentação da Revista Atena, Pessoa escreve que a cultura “não é senão o aperfeiçoamento subjetivo da vida” e que “Esse aperfeiçoamento é direto ou indireto”, chamando-se ao primeiro “arte” e “ciência”, ao segundo”; e depois concluía, lembrando que “pela arte nos aperfeiçoamos a nós” e que “pela ciência aperfeiçoamos em nós o nosso conceito, ou ilusão, do mundo”. Ainda num outro texto (intitulado “António Botto e o ideal estético criador”), Pessoa dizia que “fazer arte” (ou, neste contexto “trabalhar nas/com as Humanidades”) é “aumentar a vida, porque é aumentar a compreensão ou a consciência, dela”. É a isto que me refiro, quando falo na essência humanista de todo o ensino.

Italo Calvino escreveu um livro que se chama “Seis Propostas para o Próximo Milénio” — um conjunto de conferências que iria proferir em Harvard, em 1985, tendo, contudo, falecido antes de as proferir, não chegando mesmo a escrever a sexta conferência). São cinco lições do autor de “As Cidades Invisíveis”, centradas em cinco propostas para o próximo milénio (para o presente milénio, portanto): “leveza”, “rapidez”, “exatidão”, “visibilidade” e “multiplicidade”. E isto aplica-se exatamente àquela conceção que tenho da presença da Ciência ou da “discursividade científica” das Humanidades, neste caso, e também à Escola.

Quanto à “leveza”, trata-se da absolutamente necessária leveza do pensamento e do agir, sem cair naturalmente na leviandade, na superficialidade. Trata-se da cada vez mais necessária concisão, exatidão, considerando o autor que é necessário despetrificar e retirar o peso das coisas e das estruturas (e, no que a esta questão diz respeito, não posso deixar de lembrar o pensamento e a prática poética do heterónimo de Fernando Pessoa, Alberto Caeiro). De qualquer forma, para percebermos a leveza, será indispensável percebermos a complexidade, o peso das coisas – como não lembrar aqui o mito de Perseu, que decepa a cabeça de Medusa, e, mesmo decepada, nunca olhou para ela, antes para a imagem refletida no seu escudo, não fugindo à realidade, antes encarando-a sob um outro ângulo, uma outra lógica e o nascimento

de Pégaso, o cavalo alado que nasce do sangue de Medusa? Como não aprender, e apreender, com este mito, a lição segundo a qual o peso da pedra se pode reverter no sem contrário?

“Rapidez”, concisão, agilidade de raciocínio, economia de expressão, outra proposta calviniana, que poderá remeter para a necessidade de evitarmos detalhes inúteis, ou para o trabalho com as máximas, ou os provérbios, terreno incrivelmente rico para trabalhar as Humanidades e aprofundar o ensino dos valores: acreditar sempre (“A esperança é a última a morrer”); persistência (“Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”); a moderação (“Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar”); nunca julgar pela aparência (“Não julgues o livro pela capa”); o imperativo do trabalho regular e consistente (“Grão a grão enche a galinha o papo”); a paciência (“A pressa é inimiga da perfeição”); o respeito pelo outro (“Quem com ferros fere, com ferros será ferido”); a precaução (“O seguro morreu de velho”); a consciência da integração comunitária (“A andorinha sozinha não faz o verão”); a consciência de que, pelo esforço e dedicação, perseverantes, os resultados poderão, em determinada altura, aparecer rapidamente de forma excelente (*festina lente* “apressa-te lentamente”; “trabalha muito para fazer as coisas rapidamente, quando é necessário”) — podendo nós aprender a valia deste “ensinamento” com Ricardo Reis, outro heterónimo de Fernando Pessoa, ou, mesmo, com Picasso. Evoco aquele pormenor da sua vida, quando lhe perguntaram o que é que era necessário para ser-se pintor, ao que ele respondeu: “sentar-se”; a pessoa que estava a fazer a pergunta, julgando estar dentro de uma confiança íntima do Picasso, perguntou: “Ah... o Mestre pinta sentado?”; e Picasso responde: “Não, eu pinto sempre de pé”. Para que as cores deixem de ser tintas, como dizia também Almada Negreiros, “é necessário que se forme primeiro o pintor”; ou seja, é preciso primeiro trabalhar muito, para depois ser conciso, rápido, eficaz.

No que à proposta calviniana de “Exatidão”, não significa naturalmente essa proposta o desleixo, o descuido, antes precisão, nitidez, definição e acabamento da obra, do artefato, da frase, do pensamento. Por isso, aconselha Calvino que nunca esqueçamos a revisão de qualquer atividade. Neste contexto particular, o que significa isso? No nosso dia a

dia, no nosso contexto escolar, no nosso contexto profissional, no nosso contexto pessoal, é imperativo conceder importância ao fazer das coisas, ao todo, às diversas partes, aos pormenores que fazem a diferença e que potenciam o todo, à revisão... (a palavra “Arte” deriva do latim “ars”, significa “técnica”, “habilidade natural ou adquirida”, “capacidade de fazer alguma coisa”).

“Visibilidade”, ou seja, a capacidade para olhar de olhos fechados, a imaginação, esse instrumento do saber que constitui o ponto de partida para o potencial, para aquilo que não é, mas que pode ser, e que permite a construção de um sem número de combinações. Não percamos essa possibilidade, “pede-nos” Calvino.

E o que dizer da proposta centrada na “Multiplicidade”? Regresso às ideias iniciais: no presente contexto, nunca devemos esquecer a relação entre o discurso das Ciências Tecnológicas e o discurso das Ciências Humanas e Sociais. Se umas ajudam a desconfiar das soluções gerais e definitivas, as outras procuram conciliar as diversas soluções e códigos e visões numa perspetiva polifónica, aberta (que muito tem que ver com a ideia da “multiplicidade” Calviniana), mostrando a imperfeição humana (“a arte entristece-nos”, ensina Pessoa; ela aponta-nos “a nossa imperfeição”). Ambas, contudo, no seu “discurso científico”, ajudam o homem a “libertar-se”.

Termino, lembrando de novo o poeta Fernando Pessoa, quando dizia que a Arte (as Humanidades) tem como finalidade “libertar, erguer a alma acima de tudo quando é estreito, acima dos instintos, das preocupações morais ou imorais”; a Arte (as Humanidades) só dá prazer porque liberta, liberdade porque liberta da própria vida”. Esta liberdade — controlada, naturalmente — nos tempos atuais, é necessária. De igual modo, necessárias nestes tempos são a criatividade, ou a leveza e a exatidão de pensamento e de atuação. E cada vez mais necessários são de igual modo a prática interdisciplinar, pluridiscursiva, bem como o jogo dialogal entre as diversas ciências, entre os diversos domínios do saber, só assim se ultrapassando a unidireccionalidade, ou o confinamento monodiscursivo — que acabaria este, afinal por, com perversidade, mostrar apenas aquilo para que ele aponta: um estreito monologismo.